



RACHEL DE QUEIROZ
A Senhora do Não Me Deixes

EDMÍLSON CAMINHA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Murilo de Carvalho

Marco Maciel

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Igor Fagundes

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

CI83 Caminha, Edmílson, 1952-.

Rachel de Queiroz: a Senhora do Não Me Deixes / Edmílson
Caminha. – Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2010.

74 p. ; 18,5 cm.

ISBN 978-85-7440-187-4

I. Queiroz, Rachel de, 1910-2003. I. Título.

CDD B869.8

Para
Elvia Bezerra,
Antonio Carlos Secchin
e Ítalo Gurgel.

Rachel de Queiroz

EDMÍLSON CAMINHA

Certa vez, um amigo explicou-me por que só folheava revistas de trás para frente:

– Leitor fiel da revista *O Cruzeiro*, assim que a comprava na banca, ia logo para a última página, ler a crônica da Rachel de Queiroz. Era o que havia de melhor! Depois começava a percorrer as reportagens e artigos, sempre do fim para o começo. Vem daí o hábito que mantenho até hoje...

Para qualquer cronista, o testemunho vale por um prêmio, pela força com que o texto transcende o domínio da realização literária para marcar a vida de quem o lê. Assim foi com Rachel de Queiroz, no decorrer dos trinta anos em que assinou a famosa “Última Página” da revista *O Cruzeiro*, de 1945 a 1975.

Mestra na crônica, a escritora cearense foi admirável, também, no romance, na dramaturgia e no conto (sem esquecer a importância alcançada no exercício da tradução), os veios principais de uma extensa e multifacetada obra que honra o Brasil e engrandece a literatura brasileira.

~ A menina Rachel

No dia 17 de novembro de 1910, nasce, em Fortaleza (CE), Rachel de Queiroz, filha de Dona Clotilde Franklin e do Dr. Daniel de Queiroz, magistrado e fazendeiro, que logo ensinam à primogênita o gosto pelos estudos e pelos livros: como a escritora lembraria mais tarde, a mãe, ao morrer, deixou uma valiosa biblioteca de quase cinco mil volumes, parte deles diretamente importada de Paris. Quarenta e cinco dias depois de nascida, Rachel é levada para a cidade onde o pai era juiz de direito, Quixadá, a 180 quilômetros da capital cearense, terra que adotaria como berço. Parente, pelo lado materno, do romancista José de Alencar, desde jovem a autora de *O Quinze* se mostraria orgulhosa das convicções políticas dos antepassados: “Nós, os Queiroz (pela parte de meu pai), e nós, os Alencares (pela parte de minha mãe), sempre fomos raça de repúbli-

cos e rebeldes. Não houve um único dos meus 16 tataravós, Queiroz ou Alencar, que não fosse morto, ou perseguido, ou fugitivo, ou encarcerado naquele agitado período de 1817 a 1824, aqui no Nordeste” – escreveria na crônica “Falando em Revolução Francesa”.

Em 1915, a família, que há dois anos voltara a morar em Fortaleza, testemunha uma das maiores e mais devastadoras secas já havidas no Ceará (assim como outra, tão implacável quanto, em 1919), experiência que marcaria fundo o espírito e a memória da futura romancista. Mal vencida a adolescência, Rachel transformaria aquelas fortes lembranças na literatura de *O Quinze*, como os cearenses se referiam ao flagelo por que passaram naquele ano.

Em 1917, mudam-se os Queiroz para o Rio de Janeiro, e, logo depois, para Belém do Pará, onde permanecem dois anos, até que o Dr. Daniel se decide por voltar de vez para o Ceará, em nome da vocação que sempre desejara assumir em tempo integral: a de homem da terra, dono da Fazenda do Junco, nos sertões de Quixadá.

Aos 11 anos de idade, a menina Rachel, que se alfabetizara em família, é matriculada no Colégio da Imaculada Conceição, um dos melhores de Fortaleza, mantido pelas Irmãs de Caridade. Para aferir-lhe os conhecimentos, per-

gunta-lhe a Irmã Apolline como deveria fazer para dar a volta ao mundo. E a pequena, que acabara de ler as *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne: “A senhora quer ir pelo Canal do Panamá ou pelo Estreito de Magalhães...?” Com apenas 15 anos, conclui o curso normal, quando a maioria das colegas só se diplomava aos 18. “Nunca fui boa aluna, e foi esse o único ensino formal que tive na vida: se há um exemplo de autodidata, sou eu” – afirmaria depois, no filme-documentário *Um Alpendre, uma Rede, um Açude*, realizado por Eliane Terra e Karla Holanda em 1995.

Os quatro anos de estudo com as freiras não lhe eliminaram a descrença, como lembraria no programa dirigido por Ana Maria Lopes para a série “Memória Política”, da TV Câmara, gravado em 2001: “Infelizmente, não tenho fé. Não me orgulho disso, confesso que tenho até tristeza. Nunca fui antirreligiosa, gostaria de ter fé: não a tenho porque Deus não me deu. É muito solitário e muito triste não crer em nada. Eu não acredito nem em Deus. Quem não tem fé é uma pessoa infeliz”.

Em 1926, nasce Maria Luíza, a mana caçula tão querida por Rachel, que se vem juntar aos irmãos Roberto, Flávio e Luciano. Dezesesseis anos mais nova, tem pela primo-

gênita o amor que se reserva às mães, e dá-lhe sobrinhos que a chamam de avó. Maria Luíza partilhou com Rachel a autoria das memórias de *Tantos Anos* (São Paulo: Siciliano, 1998), colaborou na organização de *O Não Me Deixes: suas Histórias e sua Cozinha* (São Paulo: Siciliano, 2000) e escreveu os contos de *Magno* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2007).

~ Anuncia-se a escritora

Em 1927, o Dr. Daniel compra um sítio na localidade Pici, arredores de Fortaleza, e é para lá que a família se muda. Sob o pseudônimo Rita de Queluz (com que parece querer insinuar, aos leitores mais argutos, o verdadeiro nome), Rachel de Queiroz inicia-se na imprensa, como colaboradora do jornal *O Ceará*, em Fortaleza. Escreve, assim, as primeiras dos milhares de crônicas que assinaria no correr de décadas para vários periódicos, como *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Jornal do Commercio* e a revista *O Cruzeiro* (todos no Rio de Janeiro), jornal *O Povo* (Fortaleza), *Diário da Tarde* (Belo Horizonte), *Diário de Pernambuco* (Recife) e *O Estado de S. Paulo*, na capital paulista. Embora, segundo ela mesma, desobrigada

de comparecer à redação, tinha orgulho em se dizer jornalista, como fez constar, em 1993, na ficha de hóspedes do Hotel das Araras, em Parnaíba (PI)...

~ A revelação de *O Quinze*

Entre os 19 e os 20 anos de idade, magrinha, a jovem Rachel preocupa os pais, pelo perigo de que venha a adoecer de tuberculose. É quando começa a escrever um livro sobre a seca, à mão, em cadernos escolares – durante a noite, deitada no chão, à luz de uma lamparina a querosene, para que a suponha em sono profundo, e não a encher folhas pela madrugada afora... Será *O Quinze*, cujos primeiros leitores, Dona Clotilde e Dr. Daniel, resolvem pagar dois contos de réis a uma gráfica de Fortaleza pela impressão de mil exemplares.

A obra surpreende e causa estranheza: Graciliano Ramos admitiria, mais tarde, que “Rachel de Queiroz” lhe parecera um pseudônimo – não de escritora, mas de homem, tal a dureza humana e a experiência de vida com que o romance impressiona o leitor. Havia quem dissesse, no Ceará, que o verdadeiro autor do trabalho era Daniel de Queiroz, ou que teria sido ele, pelo menos, a figura incóg-

nita a aperfeiçoar o texto da filha... O fato é que a literatura de Rachel não se mostra “feminina” – ante o modelo a que, para alguns, devem submeter-se as mulheres –, mas escrita por alguém que sabe fazê-lo, ao contar (e escrever) bem uma história. Já no primeiro livro, a cearense prova dominar os três elementos principais da ficção de longo curso: a composição dos personagens, o desenvolvimento da narrativa e o trabalho com o tempo.

Passados dois anos desde que José Américo de Almeida publicara *A Bagaceira*, Rachel confirmava, com *O Quinze*, o romance do Nordeste como uma das mais ricas e substanciaosas vertentes da literatura brasileira no século XX. Ao regionalismo nordestino que alcançara êxito na segunda metade do século anterior – citem-se, por exemplo, *O Sertanejo* (1876), de José de Alencar; *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *A Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; e *Luzia-homem* (1903), de Domingos Olímpio –, acrescentava-se, agora, um vigoroso conteúdo social, a par da exploração psicológica dos personagens a que irão proceder romancistas como a própria Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Não admira, pois, que às considerações elogiosas de notáveis como Augusto Frederico Schmidt, Mário de Andrade e Agrippino Grieco se acrescesse o prêmio de ro-

mance da Fundação Graça Aranha, entregue à escritora no Rio de Janeiro, em 1931. Segundo confidenciou na entrevista às cineastas Eliane Terra e Karla Holanda, Rachel chega ao então Distrito Federal “na dupla condição de autora premiada e de agente secreto do que restava do Bloco Operário Camponês, desarticulado pelo presidente Washington Luís”, para manter contato com os companheiros cariocas. À época, a moça partilha a vocação literária com o interesse pelo comunismo, encanto que se desvanecerá sem que nunca perca os ideais socialistas que lhe alimentam o sonho de uma realidade melhor, mais digna e mais justa para todos os povos.

Oitenta anos depois de lançado, *O Quinze* ainda merece ser lido – pela riqueza humana e pelo vigor literário com que se conta a história de Cordulina e Chico Bento, Conceição e Vicente. Neles, Rachel ensaia o mergulho que a fará descer cada vez mais profundamente na psicologia dos personagens, de romance para romance.

~ *João Miguel e a censura comunista*

Em 1932, casada com José Auto Oliveira – funcionário do Banco do Brasil, jornalista e poeta bissexto –, Rachel

de Queiroz publica o segundo romance, *João Miguel*, em que, nas palavras de Tristão de Athayde, a escritora “se abre como autêntica romancista”, não obstante o enredo singelo: “É a mais simples das narrativas: um crime e uma absolvição. E entre eles uma traição de amor”. Bêbado, o trabalhador João Miguel tira a vida de um pobre como ele. Na solidão do cárcere, não chega a compreender a tragédia que lhe desgraa a vida: “Quer dizer que a gente mata um homem, vira criminoso – criminoso! – e não fica diferente, sente a cabeça no mesmo lugar, fica com o mesmo coração?” Por solicitação do Partido Comunista, a militante Rachel submetera o manuscrito ao julgamento de um comitê, que se manifesta contra a publicação da história em que um homem do povo aparece como assassino de um companheiro de luta. Durante reunião no cais do porto do Rio, a autora finge aceitar o veto, põe a mão nos originais e foge do local em surpreendente carreira, para nunca mais querer conversa com os comunistas...

~ As pedras do caminho

Em 1933, nasce Clotilde, a filha única que morreria com apenas um ano e meio de idade, perda que estremece-

ria o casamento de Rachel e José Auto.¹ Em 1935, muda-se o casal de Fortaleza para Maceió, onde por uma afortunada coincidência vivem (e convivem) Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Hollanda e Jorge de Lima. De volta à capital cearense, a escritora vê sair, em 1937, o romance *Caminho de Pedras*, o primeiro publicado pela Editora José Olympio. O trecho se desenvolve na provinciana Fortaleza de então, em que trabalhadores humildes e intelectuais da classe média lutam por organizar um partido de esquerda. Com visão aguda, sobre ele observa o crítico Antonio Carlos Villaça: “Rachel não nos traz um romance político, nem um romance panfletário. Longe disso. O que cresce, o que avulta aqui é o triângulo amoroso João Jaques-Noemi-Roberto, que acaba de fato superando o problema especificamente social ou o ideal coletivista”. Não é o que pensam os representantes da ditadura: sob a vigência do Estado Novo de Getúlio, militares promovem a queima de livros de Rachel, Jorge Amado, Zé Lins e Graciliano. A romancista é presa

¹ Abalada pelo desaparecimento da filha, Rachel passa a trabalhar em Fortaleza como correspondente e, depois, cogerente da firma comercial Gradwohl et Fils, o que representou, segundo ela mesma, um hiato na vida literária. [N. do O.]

no quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza, por deferência toda especial a uma “senhora de boa família”: os homens vão mesmo para a cadeia pública...

~ Rachel, a Guta de *As Três Marias*

No Rio de Janeiro, onde passam a viver, Rachel e José Auto se separam em 1939, ano em que vem a lume o romance *As Três Marias*, que conquistou o Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira. Embora não se dê nome à cidade, a ação transcorre em Fortaleza, e o colégio descrito no começo é o da Imaculada Conceição, onde estudou Rachel. Entre as paredes do internato, as amigas Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José, às quais o título faz referência, partilham sonhos e mágoas, esperanças e frustrações. Não por acaso, a história é narrada na primeira pessoa por Maria Augusta, a Guta, personagem autobiográfica, que vive a experiência de aluna interna da autora. Empregada como datilógrafa, sentimentalmente envolvida com um homem casado e possuída por um namorado estrangeiro que conhece no Rio, de onde volta grávida, Maria Augusta personifica, na primeira metade do século passado, a ação corajosa da mulher brasileira para tornar-se dona do

seu destino e construtora do próprio futuro. Assim, *As Três Marias*, mais do que um romance de formação, é um “romance de emancipação”, no feliz conceito do Prof. José Aderaldo Castello, que o inclui na nobre família literária a que pertencem *O Ateneu*, de Raul Pompeia; *A Falange Gloriosa*, de Godofredo Rangel; e *Doidinho*, de José Lins do Rego. Foi o primeiro livro de Rachel de Queiroz traduzido para outro idioma, o inglês, por Fred Ellison, em edição norte-americana de 1963, belamente ilustrada por Aldemir Martins.

~ Oyama, o amor definitivo

Em 1940, Rachel se casa com o médico Oyama de Macedo, união que durará até à morte do marido, em 1982. Na companhia dele, vai pela primeira vez à Europa, em 1950, como narra nas reminiscências do livro *Tantos Anos*:

Fomos, Oyama e eu, direto a Paris, depois ao sul da França. De trem até Gênova, e de lá para Roma, Florença etc. Não quisemos ir a Veneza. Tomamos um trem até a Suíça, fomos para Lugano, fomos a Berna. Eu me recusei a entrar na Alemanha: ainda es-

tava com muita raiva de alemão. Voltamos para Dijon, porque Oyama queria ver os rastros de Carlos o Temerário. E demos com um hotel lá em Dijon, o Hôtel de la Cloche, onde havia um encanamento, pequenininho, pelos quartos. Pensei que fosse carbureto. Oyama abriu a torneira e era vinho. Vinho da Borgonha encanado no quarto! Dizem que, nesse hotel, ainda hoje existe aquele encanamento de vinho, em todos os quartos. Oyama ficou maravilhado, acampou ali mesmo e não queria sair de lá.

~ A estrela da crônica

Periódico que vendia, no ano de 1945, 100 mil exemplares por semana (em um Brasil com aproximadamente 46 milhões de habitantes),² a revista *O Cruzeiro* contrata Rachel de Queiroz como colaboradora exclusiva. Titular da famosa “Última Página” (assim batizada pelo então jovem colega Millôr Fernandes), a cronista a escre-

² Nas décadas de 1950 e 1960, a tiragem média de *O Cruzeiro* elevou-se a 700 mil exemplares, com edições que chegaram a 850 mil. Equivaleria hoje, relativamente à população brasileira, a uma revista que vendesse 2 milhões de exemplares por semana. [N. do O.]

veu até 1975, uma das mais longevas fidelidades a um órgão na história da imprensa brasileira. No texto que inaugura a seção, em 1.º de dezembro de 1945, a articulista apresenta-se ao leitor, com a espontaneidade que lhe é própria:

Pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante.

E acrescenta: “A política é que às vezes me azeda, mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais sempre me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; eu sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca”.

De fato, não há assunto sobre o qual Rachel não se disponha a escrever: objetos voadores não identificados em sua fazenda Não Me Deixes, temas para obras que lhe vêm

quando não consegue dormir, o desastre de avião em que morreram três amigos, respostas a questionários de leitores... e política, não obstante o combinado com *O Cruzeiro*. Mulher de ideias e de ação desde a juventude, seria mesmo difícil não dizer o que pensava sobre o Brasil e sobre os homens públicos. Em plena campanha pela sucessão de Juscelino, observa na crônica de 26 de setembro de 1959, como se a antever o futuro:

O Sr. Jânio Quadros é talvez um grande candidato, mas a verdade é que a gente tem medo dele. Muito messias, muito salvador, muito sobre o Joana d’Arc – sem os santos. Um homem que se governa e nos governaria pelos arrancos da inspiração, que é, sabidamente, uma deusa erradia. Novo-rico da política, com toda a arrogância, os personalismos, o anseio de originalidade de todo novo-rico. Homem sem amigos, só tem fé em si mesmo – o que seria muito bom para um tirano, mas o que não parece bom para um governante democrático, que por si só não é nada e só vale na medida em que serve de denominador comum para os demais. Sim, temos medo dele. Aliás – nem seria bom falar em medo, porque

medo mesmo quem faz é o outro, por definição homem de guerra, armado até os dentes, senhor de todos os tanques, espadas, aviões e morteiros. Saravá!

Se desconfiava de Jânio e temia Lott, eram três as opções da eleitora Rachel: votar nulo, em branco ou no paulista Ademar de Barros...

Parente do general Humberto de Alencar Castello Branco – a quem tratava por “primo” –, não disfarçava a simpatia pelos governos militares, como na “Última Página” de 15 de setembro de 1970, bem ao estilo do “milagre brasileiro” capitaneado pelo presidente Médici:

A situação econômica, entre outras coisas, está na cara, para quem quiser enxergar. O controle da inflação, que parecia impossível, hoje já se considera conquista assegurada. A exportação cada vez maior e mais diversificada, as marcas “Indústria Brasileira” ou “Made in Brazil” espalhadas pelas sete partes do mundo. Os problemas da educação sendo enfrentados – e na maioria resolvidos ou em caminho de resolução. Essas obras, pontes e estradas e cais e hidrovias e escolas e usinas elétricas se expandindo por

toda parte. O tal de Produto Nacional Bruto, a entidade mística dos economeses, esse, mesmo os técnicos mais pessimistas já não podem esconder que cresce a olhos vistos, queimando as estatísticas.

São vários os livros em que Rachel de Queiroz passou a enfeixar seleções de suas crônicas: *A Donzela e a Moura Torta* (1948), *100 Crônicas Escolhidas* (1958), *Um Alpendre, uma Rede, um Açude* (1958), *O Brasileiro Perplexo* (1964), *Mapinguari* (1964), *O Caçador de Tatu* (1967), *As Menininhas e Outras Crônicas* (1976), *O Jogador de Sinuca e Mais Historinhas* (1980), *As Terras Ásperas* (1993), *Existe Outra Saída, Sim* (2003).

Cronista de grande talento, natural que Rachel de Queiroz esteja entre os mestres brasileiros do gênero, em antologias como *Vozes da Cidade* (1965), com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Genolino Amado, Henrique Pongetti, Maluh de Ouro Preto e Manuel Bandeira; são 72 crônicas, selecionadas entre as lidas por Jorge da Silva no programa homônimo da Rádio Roquette-Pinto. A escritora também participa das coletâneas *Elenco de Cronistas Modernos* (1971), com Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo

Mendes Campos e Rubem Braga, e *Quatro Vozes* (1984), com Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Manuel Bandeira.

Note-se que alguns dos textos de Rachel tidos por crônicas são, na verdade, contos, pela evidente substância ficcional que os caracteriza.³ Como, nas *100 Crônicas Escolhidas*, a volta de Leonor, que desembarca do trem rumo à fazenda em que é esperada pela mãe, narrativa que não por acaso se intitula “Fragmento de Romance”. Ou o sucedido com o jovem pernambucano que acaba de dar adeus ao serviço militar em um quartel do Rio, cujo sonho de voltar à terra natal não se cumpre por artes do amor, história que ainda mais significativamente se chama “Conto”.

Bem sabe a autora como se diferenciam esses gêneros. Em “Um Caso Obscuro”, acerca de pressentimentos e manifestações de espíritos, considera: “Se fosse a cronista inventar um conto, teria que apurar muito mais o enredo e os personagens, dar-lhes veracidade e complexidade”. Isto é, a literatura precisa ter complicação e verossimilhança; a vida, não...

³ O livro *A Casa do Morro Branco* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1999) é quase todo de contos (um, até, de ficção científica), louvados por José Nêumanne nas orelhas da capa da 2.^a edição. A editora, não obstante, equivocadamente os rotula de crônicas... [N. do O.]

~ O galo da Ilha

A Ilha do Governador, onde moram Rachel e Oyama desde 1945, é o cenário em que se ambienta o folhetim *O Galo de Ouro*, publicado em 40 edições da revista *O Cruzeiro*, no ano de 1950. Sem pontes que a ligassem ao continente, a Ilha era um recanto de sossego e de paz, com procedimentos que podiam intrigar os forasteiros, segundo conta a própria Rachel:

O grande cinema Itamar, na Freguesia, já destornara o modesto cineminha da Ribeira, situado bem defronte à ponte das Barcas. (Ali, o alienígena ou turista sempre se assustava quando, de repente, no meio da fita, se acendia uma luz vermelha em cima da tela. Misteriosamente, metade da assistência debandava. Mas não era perigo nenhum, era o sinal da barca que partia e os visitantes ou namorados tinham que a apanhar.)

Pela primeira vez, a ficcionista deixa a terra cearense para contar uma história vivida nas ruas e nas praças cariocas, nos terreiros e nas vielas da Ilha, por malandros, sol-

dados, bicheiros, mães de santo, barnabés, entre os quais se cumpre o destino do amor de Mariano e Nazaré. Sobre o livro, afirmou Antonio Carlos Villaça: “A ação neste romance é tudo. Vemos e ouvimos. As personagens estão ao nosso lado, estão perto de nós. E entram em nós com desenvoltura. Um romance, este, de visualidade cinematográfica”. Escrito sob a pressão de um capítulo por semana, *O Galo de Ouro* não convencera a romancista: só virou livro 35 anos depois, quando publicado pela Editora José Olympio, em 1985.

~ Rachel em cena

“Este ano, o Teatro Duse reabre-se mais cedo do que de costume. A 31 de maio, segunda-feira, portanto, ali se apresenta *Lampião*, de Rachel de Queiroz, sob a direção de Sálvio de Oliveira, com cenários de Fernando Pamplona e figurinos de Rosa Carlos Magno e Antonio Lopes Faria. Da ação participam: Othon Bastos, Ana Maria, Armindo Guanais, Roberto Iago e Edgard Ribeiro, entre outros jovens atores”. Assim o jornal *O Globo* noticiava, em 29 de maio de 1954, a apresentação da peça com que Rachel se lançava como dramaturga. A montagem paulista, no Tea-

tro Leopoldo Fróes, deu-lhe o Prêmio Saci, do jornal *O Estado de S. Paulo*, na categoria de melhor autor. Em nota à primeira edição (Rio de Janeiro: José Olympio, 1953), declara a escritora: “Esta peça não se pode presumir de ‘histórica’; contudo, procurou acompanhar o mais perto possível a lenda, o anedotário, o noticiário de jornal – a tradição oral e escrita relativa ao mais famoso dos nossos cangaceiros”.

Sobre o drama em cinco atos, escreveu o crítico Sérgio Milliet:

Rachel de Queiroz não endeusou o cangaceiro, nem lhe desculpou os crimes. Não quis fazer sociologia nem tirar nenhum partido ideológico do fenômeno cangaço. Cortou apenas na vida de Lampião a sequência de maior dramaticidade e no-la projetou de um modo quase objetivo. Para tanto, sacrificou os possíveis efeitos que teria alcançado apelando para o pitoresco, mas ganhou uma profundidade rara em nossa literatura.

Perguntada se algum das centenas de personagens a que dera vida já lhe havia dominado, a ponto de mudar o rumo

da história, disse Rachel que pensava, inicialmente, em uma peça na qual a grande figura fosse Maria Bonita, a companheira de Lampião. O cangaceiro, porém, agigantou-se de tal maneira que acabou por dominar a narrativa. E o espetáculo, que teria nome de mulher, recebeu como título a alcunha que imortalizou Virgulino Ferreira...⁴

Rachel de Queiroz escreveria ainda, para o teatro, *A Beata Maria do Egito*, peça em 3 atos e 4 quadros, publicada pela Editora José Olympio em 1958 e que recebe, quando encenada um ano depois (com Glauce Rocha como protagonista), o Prêmio de Teatro do Instituto Nacional do Livro e os prêmios Paula Brito e Roberto Gomes, da Secretaria da Educação do Rio de Janeiro, para a melhor peça dramática. Sobre a concepção da trama, revelaria a autora, em 1959, na crônica “História de beata”:

A gente de noite, com insônia, tem uma ideia. Aliás não é bem isso, porque a ideia não brota de repente na nossa cabeça, resulta de velhas lembranças, conceitos, problemas, conflitos, imaginações que você ruminava

⁴ Depoimento ao organizador, na Fazenda Não Me Deixes, em 16 de janeiro de 1983. [N. do O.]

desde anos e que naquela noite se viram numa ideia organizada em figuras e palavras. Nesta noite em que falo, a minha ideia deu corpo a um tema que me interessara sempre, que eu já tentara mais de uma vez em outras experiências e em diferentes situações: — o comportamento da criatura que a si se considera excepcional (que se considera um santo, por exemplo), posta dentro da correnteza de paixões e conflitos em que se debatem os outros mortais — os “não-santos”. Tomei como ponto de partida uma velha lenda cristã (Santa Maria Egípcíaca) que sempre me invocara, e que depois de posta em balada por Manuel Bandeira — o Bardo grande entre todos —, tomara formas de fascinante beleza e crescera mais na sua sedução misteriosa.

Antes do poeta mencionado, Cecília Meireles já escrevera o “Oratório de Santa Maria Egípcíaca”, sobre a prostituta que, em romaria a Jerusalém, paga com o próprio corpo ao barqueiro que a leva à outra margem do rio. Rachel de Queiroz situa a ação nas proximidades de Juazeiro do Norte —, pois o pano de fundo histórico é a luta política que se denominou Sedição de Juazeiro, em 1914, um dos mais importantes acontecimentos na história do Ceará.

Prefeito de Juazeiro do Norte, e já reverenciado como “santo” pelo povo, o Padre Cícero contrapôs-se ao presidente Hermes da Fonseca, que desalojara do poder cearense a família Accioly para nomear interventor o coronel Franco Rabelo. Há eleição, apenas, para o cargo de vice-governador, vencida pelo sacerdote, que passa a sofrer violenta perseguição dos rabelistas. Ameaçada de invasão por destacamento do governo, cava-se em redor de Juazeiro um grande fosso, como nos tempos medievais, e, com a areia, ergue-se um “muro de barro”, enquanto sertanejos começam a mobilizar-se às centenas para defender o “Padim Ciço”. Derrotados os legalistas, seguem os revoltosos para Fortaleza, onde acabam por depor Franco Rabelo.

No drama de Rachel, um dos que se dispõem a morrer pelo religioso é a Beata Maria do Egito – 27 anos, “de certo modo bonita, apesar da roupa que veste”, e que não se declara santa, como creem os seguidores, mas “escuta a voz dos santos”. Presa a caminho de Juazeiro, acaba por entregar-se ao tenente em troca da liberdade, para que possa cumprir o seu destino.⁵

⁵ Além de *Lampião e A Beata Maria do Egito*, a dramaturga Rachel escreveu para a televisão, em 1959, *O Padrezinho Santo*, encenado pelo Grande Teatro Tupi. Em 1954, já publicara uma crônica com o mesmo título. [N. do O.]

~ De quase ministra a colega de Lobato

Em 1957, a Academia Brasileira de Letras concede o Prêmio Machado de Assis a Rachel de Queiroz, pelo conjunto da obra.⁶ Ao convite feito por Jânio Quadros, em 1961, para que fosse ministra da Educação, objetou, espirituosamente, que não nascera para mulher pública: “Ele riu muito com o sentido ambíguo da frase e, a contragosto, aceitou minha recusa”.⁷

Em 1964, é a favor do golpe militar que depõe Jango: “Nós não gostávamos muito dele, de forma que derrubá-lo foi uma boa ideia”, declara na entrevista à TV Câmara. Dois anos depois, é indicada pelo presidente Castello Branco para compor a delegação do Brasil à 21.^a Sessão da

⁶ Outros importantes prêmios seriam conquistados pela romancista: em 1993, o Camões (o mais importante da literatura em língua portuguesa), conferido pelos governos de Portugal e do Brasil, e o Troféu Juca Pato, como Intelectual do Ano, concedido pela União Brasileira de Escritores; em 1996, a escritora receberia o Prêmio Moínho Santista, pelo conjunto da obra. [N. do O.]

⁷ Depois – diz o escritor Edson Nery da Fonseca –, Rachel voltaria a ser convidada para o Ministério da Educação, agora pelo presidente Castello Branco. A resposta negativa fez-se acompanhar da sugestão de que propusesse o cargo ao sociólogo Gilberto Freyre, que também não aceitou... [N. do O.]

Assembleia Geral da ONU, junto à Comissão dos Direitos do Homem. Do parente e conterrâneo que assumira o poder, guarda boa lembrança: “Era muito inteligente, extremamente lido e, curiosamente, um espírito muito aberto”.

Nomeada, em 1967, para o Conselho Federal de Cultura, Rachel participa do colegiado até 1985, com amigos e colegas como Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

Em 1969, lança-se na literatura infanto-juvenil com *O Menino Mágico*, belamente ilustrado por Gian Calvi, em edição da José Olympio. Escreverá ainda, no gênero, *Cafute & Pena-de-Prata*, com ilustrações de Ziraldo (Rio de Janeiro: José Olympio, 1986); *Andira*, ilustrado por Pink Wainer (São Paulo: Siciliano, 1992); *Xerimbabo*, com ilustrações de Graça Lima (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002) e *Memórias de Menina*, ilustrado por Mariana Massarani (Rio de Janeiro: José Olympio, 2003). Reconheça-se em todos esses livros, a par da boa qualidade do texto, a excelência dos coautores que os ilustram.

~ O livro de Dôra

Há 36 anos, desde *As Três Marias*, sem publicar romance em livro (*O Galo de Ouro* saíra em folhetins, n’O

Cruzeiro), Rachel de Queiroz publica em 1975, pela José Olympio, *Dôra, Doralina*, com que ressurge em plena forma, no completo domínio da criação romanesca. Se ainda não contara a vida e os amores da personagem, as sementes da história amadureciam sem que talvez ela própria soubesse: o Zé Alexandre da crônica “O Solitário”, escrita em 1946, transforma-se em Delmiro; e no “Fragmento de Romance”, publicado em 1949, encontram-se Laurindo, Amador e a fazenda materna que se acham em *Dôra*. Nas três partes de que a obra se compõe – O Livro de Senhora, o Livro da Companhia e o Livro do Comandante –, que se articulam como em um tríptico, Maria das Dores (cujos apelidos familiares dão nome à obra) narra o casamento com Laurindo; a descoberta de que é traída pela própria mãe, que trata por Senhora; a viuvez; as aventuras na companhia de teatro que se apresenta em todo o Brasil... e a paixão pelo homem cujo navio corta as águas do São Francisco. Ao assinalar a competência da escritora na caracterização dos tipos humanos, observa Adonias Filho: “O Comandante, por exemplo, sem sacrificar as personagens menores, divide com Dôra a órbita psicológica. Duas presenças que completam a galeria, não apenas

deste romance, mas de toda a obra de Rachel de Queiroz, inclusive gente de registro civil como Lampião e Maria Bonita”.⁸

~ Um vestido entre os fardões

No dia 4 de agosto de 1977, quebrou-se um tabu de exatos 80 anos na Academia Brasileira de Letras, com a eleição de Rachel de Queiroz para a cadeira n.º 5, anteriormente ocupada por Cândido Motta Filho. Fundada em 1897, a instituição resistia obstinadamente a acolher mulheres.⁹ Candidata pela primeira vez, a escritora concorreu à vaga com o jurista Pontes de Miranda¹⁰: em escrutínio único, recebeu 23 votos, contra 13 a favor

⁸ Sobre a elaboração do texto como processo de realização literária, o jornalista e escritor cearense Ítalo Gurgel publicou importante trabalho de crítica genética, *Uma Leitura Íntima de Dôra, Doralina: a Lição dos Manuscritos* (Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1997). [N. do O.]

⁹ Depois de Rachel, elegeram-se para a Casa de Machado de Assis as escritoras Dinah Silveira de Queiroz (1980), Lygia Fagundes Telles (1985), Nélida Piñon (1989), Zélia Gattai (2001), Ana Maria Machado (2003) e Cleonice Berardinelli (2009). [N. do O.]

¹⁰ O mestre do Direito candidatou-se novamente em 1979, quando foi eleito para a cadeira n.º 7. [N. do O.]

do adversário e um em branco. Empossou-se no dia 4 de novembro do mesmo ano, recebida pelo acadêmico Adonias Filho.¹¹

Sem a substância e a força literária que lhe caracterizam a obra, Rachel, ao discursar, evoca a infância, para dizer dos primeiros contatos com a poesia e a literatura, mas logo se atém à louvação protocolar do fundador da cadeira, Raimundo Correia; do patrono, Bernardo Guimarães, e dos ocupantes Oswaldo Cruz, Aloísio de Castro e Cândido Motta Filho. No elogio do antecessor, recorda prosaicamente o que conversavam sobre os netos, e dá por encerrado o que tinha a dizer, quase que de súbito.¹²

~ Maria Rachel Moura de Queiroz

Em 1992, Rachel de Queiroz publica, pela Siciliano, o *Memorial de Maria Moura*, um dos maiores romances da

¹¹ Rachel de Queiroz ocupou, também, a cadeira n.º 32 da Academia Cearense de Letras, como sucessora de Moreira Campos, um dos mais importantes contistas da literatura brasileira. [N. do O.]

¹² A escritora fez apenas um discurso de recepção, na posse de Arnaldo Niskier, em 1984. Falecida em 2003, o historiador José Murilo de Carvalho elegeu-se, no ano seguinte, para sucedê-la na cadeira n.º 5 da ABL. [N. do O.]

literatura brasileira. Aos 82 anos de idade, surpreende a crítica e os leitores com uma admirável história de quase 500 páginas, que é não apenas o ponto final da carreira que a consagrou, mas uma verdadeira síntese da obra realizada em mais de seis décadas. Tudo está ali, como se *Os Sertões* de Euclides da Cunha se tornassem matéria romanesca: a força da terra, o sofrimento do homem, a brutalidade da luta. Se, na Conceição de *O Quinze* e na Guta de *As Três Marias*, já usara um pouco de si, em Maria Moura a romancista se põe toda, com a experiência e o saber que lhe dera a vida.

Como *Grande Sertão: Veredas*, o *Memorial* também começa com tiros. Quem os ouve é o Padre, que, convertido no Beato Romano, será um dos cinco narradores da história, juntamente com Maria Moura e os irmãos Tonho, Irineu e Marialva, primos dela. Segundo a autora, a inspiração veio das façanhas de Elisabeth I, rainha da Inglaterra, e de uma tal Maria de Oliveira, que, em Pernambuco, na seca de 1602, fez-se chefe de um bando que assaltava fazendas. A ação do romance, informa, se passa em 1830-1840, o que lhe deu muito trabalho, pela rigorosa fidelidade à época quanto à linguagem (fruto de pesquisa a que Antonio Houaiss chama “arqueologia verbal”) e às referências

a utensílios e objetos: “Se queria dizer, por exemplo, que o Tonho riscara um fósforo, tinha de saber se, naquele tempo, um sertanejo usava mesmo fósforos...”

Cabelos curtos, vestida de homem (à semelhança da Diadorim de Rosa), a Moura de Rachel luta pela posse da terra, manda matar, ama, trai e tem ambição de poder: “Quero que ninguém diga alto o nome de Maria Moura sem guardar respeito. E que ninguém fale com Maria Moura – seja fazendeiro, doutor ou padre, sem ser de chapéu na mão”. É uma espécie de Lampião de saias, Anita Garibaldi dos sertões, Joana d’Arc da caatinga, cujo destino fica em aberto no fim do romance: à frente dos seus homens, parte para roubar uns compradores de gado sem que saibamos o depois, como os bandidos que desaparecem na poeira da estrada para virar lenda.

~ A coautora Rachel

Além dos volumes que escreveu com a irmã Maria Luíza, Rachel de Queiroz partilhou a autoria dos romances *Brandão entre o Mar e Amor* (São Paulo: Martins, 1942), com Aníbal Machado, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego; e o policial *O Mistério dos MMM* (Rio de Ja-

neiro: O Cruzeiro, 1962), com Antonio Callado, Dinah Silveira de Queiroz, Guimarães Rosa, Herberto Sales, Jorge Amado, José Condé, Lúcio Cardoso, Orígenes Lessa e Viriato Correia. Não obstante a coautoria ilustre, são livros menores, que estão mais para jogo entre colegas, diversão de amigos do que para obra literária. Se, individualmente criado, o romance às vezes não dá certo, imagine-se quando feito em mutirão...

~ Tradutora & traduzida

A par da obra como ficcionista, Rachel foi, também, uma incansável tradutora: são mais de 40 os volumes por ela trazidos para o português, a partir do inglês ou do francês. Destacam-se, na relação, *Humilhados e Ofendidos*, *Os Irmãos Karamazov* e *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoievski; *Memórias*, de Leon Tolstoi; *A Mulher de Trinta Anos*, de Balzac; *Miguel Strogoff*, de Júlio Verne; *O Deserto do Amor*, de François Mauriac; *O Lobo do Mar*, de Jack London; *Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë; *A Mulher Diabólica*, de Agatha Christie; e *Minha Vida*, de Charles Chaplin (capítulos I a 7; os demais traduzidos por R. Magalhães Jr. e Genolino Amado).

Entre os romances de Rachel de Queiroz, já foram traduzidos *O Quinze*, para o alemão, o francês e o japonês; *João Miguel*, para o francês; *As Três Marias*, para o inglês e o alemão; *Dôra, Doralina*, para o francês e o inglês; e *Memorial de Maria Moura*, para o francês.

~ Rachel poeta?

Em 1928, na imaturidade dos 18 anos, Rachel dedica aos “novos do Sul” – isto é, aos modernistas de São Paulo do movimento Pau-Brasil (1924), do Verde-amarelismo (1926) e do Manifesto Antropófago (1928) – os dez poemas do *Mandacaru*, livro que acabou por não publicar.¹³ Ressonâncias condoreiras e simbolistas se sentem a par das mudanças no modo de fazer literatura, em versos consagrados à terra (a seca, a água dos açudes) e ao homem (Bárbara de Alencar, Lampião, Dragão do Mar, Padre Cícero, a mulher rendeira, os cearenses a trabalhar e a morrer nos seringais amazônicos).

Em 1929, publica o poema “Iniciação”, resgatado pelo crítico e historiador literário Sânzio de Azevedo no suple-

¹³ Somente agora, em 2010, 82 anos depois, *Mandacaru* chega às livrarias, competentemente organizado, apresentado e anotado por Elvia Bezerra, em edição primorosa do Instituto Moreira Salles. [N. do O.]

mento modernista “Maracajá”, editado em Fortaleza pelo jornal *O Povo*. São dela, também, “Rosas de Santa Luzia” (apresentado por Manuel Bandeira na 2.^a edição da sua *Antologia dos Poetas Brasileiros Bissextos Contemporâneos*) e “Telha de Vidro” (quase uma crônica em versos), que chegou a constar em prova de português para os candidatos à Universidade Federal do Ceará.

Conclui-se, ao ler essa incipiente produção, que Rachel de Queiroz poderia vir a ser poeta de algum valor, como tantos no Brasil, mas sem o destaque e a grandeza que alcançou na prosa. É que há seres (Rubem Braga, por exemplo) que não precisam de métrica e rimas para escrever poesia da melhor qualidade...

~ Da literatura para as telas

Foi em 1953 o primeiro contato da romancista com o cinema, como autora dos diálogos do filme *Os Cangaceiros*, de Lima Barreto.

Entre 1980 e 1981, a TV Globo apresentou, em 156 capítulos, a novela *As Três Marias*,¹⁴ baseada no romance de

¹⁴ O filme *As Três Marias* (2002), de Aluisio Abranches, não tem nenhuma relação com a obra homônima de Rachel. [N. do O.]

Rachel de Queiroz e dirigida por Herval Rossano. Inicialmente escrita por Wilson Rocha, a baixa audiência da adaptação fez com que a emissora o substituísse, nos meses finais, por Walter Negrão.¹⁵ Nádia Lippi representou Maria Augusta, Glória Pires foi Maria José e Maitê Proença encarnou Maria da Glória.

Em 1982, Perry Salles dirige o filme *Dôra Doralina*, com roteiro dele próprio e de Miguel Pereira. Vera Fischer faz o papel principal.

Escrita por Jorge Furtado e Carlos Gerbase, com direção de Denise Saraceni, Mauro Mendonça Filho e Roberto Farias, a minissérie *Memorial de Maria Moura* foi levada ao ar pela TV Globo, em 24 capítulos, entre maio e junho de 1994. Não obstante a fidelidade da adaptação, a protagonista (Glória Pires) é mortalmente ferida no combate derradeiro, diferentemente do que ocorre no romance. A audiência da minissérie foi maior do que a das apresentadas pela emissora até então. Embora com aplausos ao desempenho da atriz principal, a escritora fez, novamente, restrições ao que se viu na tela.

¹⁵ A história contada no livro acabou por transformar-se, na televisão, em romance policial, para desgosto da romancista, que chegou a manifestar publicamente insatisfação com o roteiro da telenovela. [N. do O.]

Em 1998, Liloye Boubli dirigiu o curta-metragem *Tangerine Girl*, baseado no conto homônimo de Rachel de Queiroz, uma bela história de amor entre a mocinha ingênua e os soldados americanos que desembarcam em Fortaleza durante a Segunda Grande Guerra.

O romance *O Quinze* foi adaptado para o cinema em 2007, com direção e roteiro de Jurandir Oliveira, que também interpreta Chico Bento. Conceição é representada por Karina Barum, e Vicente, por Juan Alba.¹⁶

~ Do livro para o disco

Idealizada e produzida por Paulinho Lima, com o apoio da Academia Brasileira de Letras, a coleção de CDs “Os imortais” se propõe a registrar em áudio, na voz de grandes artistas, trechos exemplares da obra de diversos acadêmicos. O primeiro volume, lançado em 1999, apresenta a atriz Arlete Salles, que lê “historinhas e crônicas” de Rachel de Queiroz. No segundo número, o ator Othon Bastos faz a leitura de poemas, crônicas e contos de Machado de Assis.

¹⁶ Jurandir Oliveira já dirigira, em 2001, o docudrama *Rachel de Queiroz – Vida e Obra*. [N. do O.]

~ A senhora do Não Me Deixes

Família de grandes proprietários de terras, os Queiroz eram donos das fazendas Califórnia, Itália, Manaus, Biscaia e Junco, nos sertões de Quixadá, a 180 quilômetros de Fortaleza. Daniel, pai de Rachel, herdara o Junco, partilhada entre os filhos depois da morte da mãe. À escritora caberia o quinhão denominado Não Me Deixes,¹⁷ que assume, com o marido Oyama, em 1953.

Fizeram tijolos, cortaram a madeira, construíram a casa, a parede do açude e as cercas do curral. A primeira metade do ano – “inverno” para o sertanejo, quando chove na região –, Rachel passava no Não Me Deixes, entre caminhadas pelos arredores e conversas com os moradores, como se sofresse, na bela expressão do escritor cearense Eduardo Campos, de um Complexo de Anteu, a extrair da terra a seiva sem a qual não viveria: “Lá, realmente, é o meu lugar. Cada volta minha é um regresso. E sinto que lá é o meu permanente. O Rio é o provisório”.

¹⁷ Segundo ela, não há nenhuma “literatice” no poético nome do lugar, assim chamado já havia tempo. Não-me-deixes é como popularmente se conhece a planta ornamental *Senecio elegans*, nativa do sul da África. [N. do O.]

Na apresentação de *O Não Me Deixes: suas Histórias e sua Cozinha*, comenta Flávio de Queiroz Salek:

Hoje a Fazenda já tem luz elétrica, telefone e até uma antena parabólica, presente que dei à minha avó. A antena foi instalada às pressas, em um domingo pela manhã, para que pudéssemos assistir a uma corrida do Ayrton Senna, de quem minha avó era fã. Infelizmente, foi a corrida na qual ele se espatifou na curva Tamburello e ficamos todos – ela, eu e os caboclos que se amontoavam defronte da TV para ver a novidade – emudecidos diante da modernidade lúgubre. Nunca mais ela deu uma palavra sobre automobilismo.

~ A imortalidade, enfim

Rua Rita Ludolf, n.º 43, Leblon, Rio de Janeiro. Manhã do dia 4 de novembro de 2003. Exatamente 26 anos depois de empossada na Academia Brasileira de Letras, e a duas semanas do aniversário de 93 anos, Rachel de Queiroz foi encontrada morta no apartamento 20I, em que vivia, após sofrer um infarto durante o sono. Embora vítima

de derrame em 1999, e de uma isquemia no ano seguinte, até sete meses antes de morrer ditava para a irmã as crônicas publicadas semanalmente pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Povo*, de Fortaleza. Velada no Salão dos Poetas Românticos da Academia, foi sepultada não na Fazenda Califórnia, junto aos seus, como quisera um dia, mas no Cemitério de São João Batista, no Rio, ao lado de Oyama, o grande amor.

No correr de uma longa e fecunda existência, Rachel de Queiroz não quis ser mais do que a Velha Senhora que se dizia “melhor cozinheira do que escritora”, a mulher simples, a sertaneja autêntica, para quem um alpendre, uma rede e um açude eram a expressão maior da felicidade humana. Passados sete anos desde que se foi, essa admirável brasileira permanece na lembrança dos amigos e na admiração dos leitores, pela vida que viveu, pelos personagens que criou, pelas histórias que contou. Isso tem um nome: é IMORTALIDADE.

Vida literária em formação*

CECÍLIA MARIA CUNHA

É consenso que Rachel de Queiroz nasce literariamente com a publicação de *O Quinze*. Entretanto, até sua escrita romanesca estar consolidada, há uma rica experiência de vida literária que teceu o perfil artístico da escritora e da mulher pioneira na história brasileira.

Os escritos jornalísticos da Rachelzinha são vistos aqui como “laboratório” para a elaboração ficcional. Nestes primeiros escritos de mocinha, Rachel desenvolveu recursos ou técnicas do fazer literário e esboçou assuntos que estariam presentes em sua obra posterior. É a gestação da escritora.

À Rachel de 16 anos foi entregue, com remuneração, a página literária “Jazzband” do jornal anticlerical *O Ceará*. Rita de Queluz, o pseudônimo, tinha a tarefa de organizar, selecionar colaboradores e escrever crônicas, poemas, artigos. E aí, surge a narrativa em folhetim *A História de um*

* In: jornal *O Povo* (Fortaleza – CE), 17 de novembro de 2000.

Nome, publicação de meados de 1927, vista por alguns críticos como sendo um romance folhetim, e por outros, uma novela.

O folhetim, composto de sete capítulos, é iniciado com o espanto da narradora ante a transformação do nome Rachel, escrito na folha do caderno: “... vi o R, o A, o C e demais letras tomarem, respectivamente, as formas de cabeça, tronco e membros de um corpo que, cruzando as pernas e erguendo um braço, numa gesticulação afetada, assumia a pose de um conferencista em plena actividade”. Assim, o nome Rachel feito gente, personificado, passa a contar sua história aventureira. A primeira é Rachel, filha de Labão, amada por Jacó. O texto bíblico é modificado jocosamente com adjetivação excessiva, realçando a beleza e bondade de Rachel, e pintando a antagonista irmã Lia como “gorda”, “estrábica”, “sardenta” e “diabólica”.

No segundo capítulo, narra histórias rápidas em Israel e no Egito. E aproveita para lamentar a pouca significância de sua encarnação: “Não me proporcionavam as emoções que exigia o meu espírito de nome romanesco”.

Em busca de vidas grandiosas, do terceiro ao quinto capítulo, passamos à Idade Média. Conta-se, então, a história de amor entre a filha de um ourives e o filho de um no-

bre francês, tendo como pano de fundo as Cruzadas. Do feudalismo português, temos a vida de uma freira, morta de tuberculose. E ainda o nome encarnado na vida de uma filha de camponês, que, ao lado do primo amado, se aventura em busca de riqueza por terras além mares.

No sexto capítulo, estamos no Brasil colonial, Pernambuco. Enredo cheio de maldade da filha de um senhor de engenho, a Nhã-Nhã Rachel, impiedosa com os negrinhos.

Quanto à sétima parte, temos a “personagem irreal” do romance *O Moço Loiro*, de J. M. de Macedo, motivo de ironia por seu abusivo romantismo. E para fechar o folhetim, o Nome – garatuja falante – volta-se para Rachel, menina escritora.

Em *História de um Nome*, visto aqui como exercício de invenção literária, há pitadas de ficcionalidade, com linguagem simples e despojada. Mesmo tendo uma precária elaboração artística, até visto pela autora madura como “uma droga”, a argúcia está em centrar sobre si mesmo o olhar do leitor. Crônica de si mesma, as pequenas criações ficcionais transitam para alinhar as “heroínas-Rachéis” de uma história que é coletiva e, principalmente, muito pessoal.

Folhetim marcado pela pulsão narcísica – beirando a conversa fiada, despudorada – é visto aqui como pretexto literário para afirmar-se no cenário cultural. Ou melhor, tentativa por meio da qual ensaia, no sentido mais amplo da palavra, a romancista e suas representações femininas – Conceição, Guta, Dôra ou Moura –, personagens basilares de sua prosa romanesca. Nesta perspectiva, Rachel de Queiroz antecipa, em *História de um Nome*, o assunto que será a marca de sua produção literária: a própria mulher. Isto é, ao percorrer momentos da história da humanidade, buscando reter a personagem a Rachel de Queiroz, assinala-se a busca de trazer à tona personagens femininas – populares, relevantes ou monumentais –, abrindo as asas da imaginação para a posterior criação de Conceição, aquela de *O Quinze*.

Raquel de Queiroz*

MÁRIO DE ANDRADE

É uma criaturinha do Ceará, com dezenove anos, escreve e põe dedicatórias no seu primeiro livro com os mesmos ambiciosos exageros dos principiantes. O livro dela se chama *O Quinze*, e ninguém se engane pelo prefácio sem sal nem açúcar, que promete pouco. O livro vem enriquecer muito a já feliz literatura das secas.

A ficção sobre as secas nordestinas tem dado ao Brasil alguns livros admiráveis. Todos estão recordando comigo *Os sertões* e *A Bagaceira*, a que posso por mim ajuntar o *Luzia-homem*, mais deslebrado. Raquel de Queiroz com *O Quinze* nos dá um modo novo de conceber a ficção sobre a seca, e esse modo novo me é especialmente grato porque

* In: *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. São Paulo : Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. [Texto originalmente publicado em 14 de setembro de 1930. Manteve-se, aqui, a grafia própria do autor.]

na espera dele eu me vim do Nordeste o ano passado. Até me lembro de ter dado uma entrevista em Natal que chocou bastante pela maneira ríspida com que tratei Euclides da Cunha. Deus me livre de negar que o monumento de Euclides e os outros estejam muito bem e sejam razões de orgulho nosso. São obras-primas literárias. Mas depois que apalpei o Nordeste e uma apenas pequena e passageira seca, sem mortes nem misérias terríveis como consequência, mas com toda a sua ferocidade assustadora, o que me irritou um bocado foi os autores terem feito literatura sobre a seca. Isso me pareceu e continua me parecendo... desumano. O defeito da arte é mesmo transportar os maiores horrores da humanidade e da Terra pra um plano hedonístico, tão contemplativo e necessariamente diletante, que a gente está chorando na leitura e não sofre nada. Chora que é uma gostosura. As dores de fundamento estético, por mais suicídios que tenha causado o *Werther*, não fazem mal pra ninguém. Pelo contrário: desvirtuam a nossa humanidade, literatizam nossos deveres humanos que em vez de se tornarem ativos e eficientes, se desmancham nas misérias das frases bonitas, na recordação das obras de arte e em piedades oratórias. Estou convencido de que o livro de Euclides faz um mal enorme pros brasileiros e di-

ficultou vastamente o problema das secas. Fez da seca uma obra-de-arte, e nós adquirimos por causa dele, uma noção tangencial dos nossos deveres pra com o Nordeste, uma noção derivada, quase que de função puramente literária. A seca virou bonita e os nossos deveres, a própria consciência dos nossos deveres, ficaram bonitos também. Quase que existe dentro de nós uma razão importantíssima e jamais expressa: deixem a seca como está porque se o problema dela for resolvido, o brasileiro perde a mais bonita razão pros seus lamentos e digressões caritativas. Desconfio que nenhum brasileiro terá coragem de confessar a desumanização de origem artística causada nele pela maravilhosa literatice de Euclides da Cunha, mas, queiram ou não queiram, os fatos estão aí provando esta afirmativa urtigante. As soluções diletantes que o problema tem inventado na cabeça de brasileiro, especialmente essa do abandono temporário e despovoamento do Nordeste sertanejo, coisa que no mínimo é uma utopia, o corrimento de discursos e artigos de piedade bons prá gente exercitar a cadência parnasiana das frases, o gosto idiota de enviar socorros quando a desgraça chega, tudo é eloquência, tudo é literatura, tudo é prolongamento do livro de Euclides da Cunha, homem que, embora magnífico, ninguém discuti-

rá que foi literato da maior literaria. E, palavra de deus, o próprio jeito exagerado e quase sem nexos com que o dr. Epitácio Pessoa resolveu... acabar com a seca, presidente da república, foi dos mais eloquentes, dos mais literariamente parnasianos dentre os gestos estéticos da literatura das secas.

Raquel de Queiroz, com seus divinos dezenove anos, recheada de literatura, provavelmente loquaz como todo nordestino que se preza, muito lindinha de certo, teve vontade de escrever, que é mesmo por onde a gente começa. Mas, não sei, foi escrever e não é que se esqueceu dessa impiedade luminosa que é peculiar à mocidade? Esqueceu. Escreveu um Prefácio e uma citação em verso, provavelmente dela pois não traz nome de outro autor. Prefácio e verso são literatice mas da gorda. Basta dizer que a versalhada principia: “O sol, qual Moloch das lendas caducas”! O que surpreende mais é justamente isso: tanta literatice inicial se soverter de repente, e a moça vir saindo com um livro humano, uma seca de verdade, pura, detestável, medonha, em que o fantasma da morte e das maiores desgraças não voa mais que sobre a São Paulo dos desocupados. Raquel de Queiroz eleva a seca às suas proporções exatas. Nem mais, nem

menos. É horróroso, mas não é Miguel Anjo. É medonho mas não é Dante. É a seca.

É mais que uma conversão da seca à realidade, é uma conversão à humanidade. E talvez, impulsionada por esse maravilhoso calor do ser, Raquel de Queiroz achou jeito de humanizar tão dolorosamente o pequeno entrecho amoroso disperso no livro, que a gente se percebe dignificado, por assim dizer, justificado quando o caso se acaba, tão sublimemente proporcionado à incompetência humana. Os outros escritores da seca criaram obras-primas literárias. Como artistas, como criadores se conservam muito acima de Raquel de Queiroz. Mas essa moça inventou a obra-prima também: Obra-prima, *tout court*.

O sol, a neve *

LÊDO IVO

Rachel de Queiroz está entre as minhas primeiras descobertas literárias. O *Quinze* foi uma das estrelas de uma constelação de letras e peripécias em que fulguravam *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoievski, *Song-Kay o Pirata*, de Emilio Salgari, *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, o para sempre admirável *A Toutinegra do Moinho*, de Émile Richebourg, e *O Vigário de Wakefield*, de Goldsmith.

Ainda hoje lembro a noite em que li *O Quinze*, no escritório de meu pai. O sol canicular que castigava os humilhados e ofendidos de Rachel de Queiroz me devolvia à neve que caía sobre o pátio da prisão evocada por Dostoievski. Um sentimento de tristeza se abatia sobre mim. O sol era como a neve! Ambos regiam o tempo e os pobres destinos,

* In: *Rachel de Queiroz: Os Oitenta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

as deambulações e a imobilidade. O Nordeste se unia à Sibéria – grandes espaços de desolação.

Jamais voltei a ler *O Quinze*. Para mim, ele não é um livro. É um lugar. Como a infância, só pode ser alcançado pela memória infiel.

Rachel de Queiroz (como é belo o seu nome bíblico!) transplantou para seus romances e crônicas a arte sábia e arcaica, atenta e meticulosa das bordadeiras do Ceará: uma arte que é um legado e uma memória, uma aplicação pessoal e um silêncio recompensado.

E, em seus livros clássicos, o Brasil é triste como a Rússia.

A seca doçura inaugural de *O Quinze* *

MAURÍCIO MELO JÚNIOR

[...]

É praticamente impossível fugir do paralelo entre *O Quinze* e *A Bagaceira*, até porque é nesta linha que se mostra a força inaugural do primeiro. E o destaque primário se dá com relação à linguagem. Embora José Américo seja enfático na defesa de uma “língua nacional” e se utilize da intensa criatividade dessa forma de expressão – desde a primeira edição seu livro vem acompanhado de um necessário e útil glossário –, no todo, há um rebuscamento, uma grandiloquência em sua retórica. Enquanto isso, Rachel trabalha no chão, no terra a terra. Tem um discurso formal e até retórico, mas conserva a espontaneidade da fala

* *In: O Quinze* – Ed. fac-similar – Brasília: Senado Federal, 2008.

coloquial. Um pouco mais que isso, preserva em seu texto a secura característica dos sertões construindo frases curtas, breves, precisas. De maneira mais clara, o coloquialismo que doma todo o Romance de 30 – rendendo-se justas homenagens a Monteiro Lobato – nasce em Rachel. E medidas as devidas proporções, pode-se apostar que enquanto Guimarães Rosa se filia a José Américo, Graciliano Ramos bebe em Rachel.

Também se distingue bem a intenção básica de cada um dos autores. José Américo era um homem do brejo, de uma terra que via a seca chegar na miséria dos retirantes. E imprimiu em seu romance essa diferença. Há inclusive uma bem delineada troca de farpas entre os sertanejos e os brejeiros. Tudo isso descamba seu texto para um prenúncio de ensaio sociológico.

Rachel de Queiroz, por seu turno, viveu a plenitude do Sertão. Assistiu, digamos, de ouvido à terrível seca de 1915 que está descrita em seu romance. Nascida em 17 de novembro de 1910, tinha somente quatro anos quando se deram aqueles fatos, mas sempre contava das queixas que escutava em família, das descrições dos campos de concentração onde se arranchavam os retirantes em Fortaleza. Dessa memória e da própria vivência de sertaneja fez seu

romance, que, antes de qualquer sociologia, apenas descreve as dores com intensa vivacidade. E isso torna o livro uma visão real e realista do mundo até então encoberto pelas cortinas da literatice. Não reivindica qualquer pena ou mesmo solução, somente mostra uma face doída de um universo tão próximo.

Talvez Rachel não tenha feito qualquer reivindicação por intimamente saber que a solução estava na própria terra. O Ceará foi criado a partir da cultura do gado, uma cultura que exigia confiança mútua entre fazendeiros e vaqueiros. A distância, aí sim, sociológica que isso provoca em relação ao mundo da bagaceira se reflete no fato de ter sido o Ceará a primeira província a promover a abolição da escravatura. [...]

Rachel e eu*

ARIANO SUASSUNA

Devo tanto a Rachel de Queiroz que é, ao mesmo tempo, muito fácil e muito difícil dar um depoimento sobre ela, meio tolhido e travado que fico porque a amizade e a admiração que lhe tenho só são iguais à gratidão que lhe devo.

Primeiro, foi quando escrevi *O Auto da Compadecida* e nem sequer a conhecia: Rachel publicou um artigo no qual afirmava que o *Auto* estava entre as melhores coisas que lera em sua vida, e que, se pudesse, trocaria por ele tudo o que escrevera. É claro que sei o quanto vai, nisso, de generosidade excessiva e grandeza, por parte dela. Saber admirar e proclamar sua admiração é qualidade de quem é grande e nunca corrompeu sua pureza de juventude na feira literária. Mesmo assim, suas palavras foram um

* In: *Rachel de Queiroz: os Oitenta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

deslumbramento para o jovem escritor que eu era então; e ainda hoje, ditas por quem foram, me servem de consolo e estímulo nos momentos de maior desgosto e desânimo.

Depois, foi o Conselho de Cultura para o qual ela me indicou. Aí, no convívio de vários anos, consolidamos uma amizade que até agora só fez foi se tornar mais profunda. Foi em 1970 que Rachel de Queiroz falou, na José Olympio Editora, a respeito do *Romance d'A Pedra do Reino*, que eu acabara de escrever. Imediatamente, recebi, de Geraldo Pereira, o convite para editá-lo, convite reiterado depois por José Olympio e Daniel Pereira. Mas, sem se dar por satisfeita com o que já fizera, Rachel escreveu ainda o generoso “Prefácio” que ainda hoje aclara caminhos e indica roteiros aos que tentam uma compreensão mais aprofundada do romance. [...]

Aí, veio a Academia Brasileira. Rachel de Queiroz, Adonias Filho, João Cabral de Melo Neto e Jorge Amado foram as primeiras pessoas que tentaram me levar para lá. E, quando Marcos Vilaça, com uma generosidade que nunca esqueço, resolveu tomar por mim todas as providências e conseguiu eleger o candidato omissso e sem jeito, enfileirei a esses nomes – o nosso caro Adonias ainda era vivo, meu Deus! – o nome respeitado de Barbosa Lima

Sobrinho para que o presidente entre eles escolhesse os que me imporiam as insígnias. Para alegria minha, Rachel foi a escolhida para me colocar ao pescoço o belo colar que Isaías Leal desenhara e executara, juntamente com a espada. [...]

Viagem ao ventre da criação literária*

ÍTALO GURGEL

Quem lê uma página de Rachel de Queiroz e se fascina diante daquela prosa que flui com naturalidade, num registro quase coloquial, há de julgar que ela escreve “ao correr da pena”, ao sabor dos desígnios de sua imaginação e do seu prodigioso talento. O exame de um manuscrito de Rachel, porém, irá revelar que as coisas não ocorrem bem assim. Como todo escritor, ela trabalha cuidadosa e pacientemente o texto. Suprime aqui, reescreve ali, desloca ou substitui vocábulos. Os argumentos se desdobram. Quando não, o que se observa é o corte, o enxugamento. Adereços são decepados, até que o discurso adquira o tom cristalino, a leveza e fluidez que são seus traços característicos.

* Parte introdutória do texto *Dêra, Doralina: uma Eloquente História de Amor*.

A própria Rachel reflete sobre o processo de criação literária. Na crônica “O nosso humilde ofício de escrever”, publicado pelo jornal *O Povo* na edição de 20 de maio de 1995, ela comenta:

Na verdade sempre comparo a concepção de um livro à concepção de um filho – sim, a uma gravidez. Quando você vê, o livro já está lá dentro, vivo e mexendo, bulindo com a sua cabeça, ocupando a cada dia espaço maior, fazendo você levantar de noite para tomar nota de uma frase – um pedaço de diálogo, o rascunho de um conflito. Daí, sua ideia inicial vai se desenvolvendo, o tema se desdobrando, suscitando situações novas, personagens novos, que às vezes surgem de repente, inesperados, pode ser até num virar da esquina ou num bate papo de bar. [...] De certo tempo em diante você não governa mais a história, são os personagens que mandam. Eles que exigem a sua coerência, eles que de repente querem falar e, às vezes, com alguma declaração ou atitude inesperada, alteram todo o plano da obra; o que, no meu caso, não é problema maior, pois que o meu plano já de si era fluido, sem programação rigorosa.

Quando me propus a analisar *Dôra, Doralina*, para desenvolver minha dissertação de mestrado, optei pelo estudo dos manuscritos do romance, onde investigaria procedimentos escriturais capazes de informar, objetivamente, sobre o processo criativo de Rachel de Queiroz. O material disponível constituía-se de um caderno de anotações, com o esboço primário da obra, e uma cópia datilografada, onde se revelam, com abundância de provas, todos os conflitos do trabalho redacional. Apesar de esses documentos não terem uma datação anterior a 1972, Rachel confessa que *Dôra, Doralina* começou a ser gestado desde o tempo de *As Três Marias* (1939): “Durante todo esse tempo, eu tomava uma notinha, depois tomava outra... A história foi-se formando...”, assegurou ela. De tais anotações, porém, não encontrei os rastros. A própria Rachel, aliás, desencoraja a busca de novos manuscritos, quando declara: “Sou muito desordenada com os meus papéis. Então, depois daquilo, eu rasgava, lançava fora as páginas corrigidas”.

Em depoimento que me concedeu, ela se referiu ao trabalho de correção realizado nos originais:

Até a hora de mandar o livro para o editor, eu trabalho o texto. E quando me arrependo, peço de vol-

ta. A *Dôra* voltou duas vezes. [...] Faço correções tão abusivamente... Em todas as versões datiloscritas introduzo mudanças. Então, o editor instituiu uma norma segundo a qual eu só poderia ler até a última prova. E a Siciliano não me mostra qualquer prova. [...] Depois de publicado, leio a primeira edição, para ver as correções, corrigir as falhas etc. Na primeira edição da *Moura*, por exemplo, aquela frase em latim, eles copiaram tudo errado. E no original estava correto. O processo de correção, então, é esse: enquanto deixam, eu mexo.

Encerram-se nesse ponto as intervenções de Rachel de Queiroz em seus textos:

Depois de sair a primeira edição, faço pequenos concertos, que posso julgar necessários, corrigindo alguma falha da impressão, e aí me desinteresso. Nunca mais releio os livros. Quando sou obrigada a reler qualquer coisa, tenho aquele desagrado, só vejo defeitos.

O drama da liberdade, sempre*

ANTONIO CARLOS VILLAÇA

O grande tema do destino humano e da obra literária de Rachel de Queiroz é a liberdade humana. Em *O Quinze*, é a luta do homem com a natureza exterior, física. É o drama da sujeição à seca. Em *João Miguel*, é o drama da prisão. Em *Caminho de Pedras*, é a sujeição ao partido. Em *As Três Marias*, é a sujeição ao internato. Sempre o drama da liberdade. Sempre o homem em face do destino. Assim, em *O Galo de Ouro*. E supremamente assim em *Dôra, Doralina*. Em 1975, 36 anos depois de *As Três Marias*, de 1939, Rachel voltava ao romance com esta obra de plenitude, de maturidade, que é *Dôra, Doralina*, o ponto culminante de sua obra de escritora.

* In: *Rachel de Queiroz: os Oitenta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. [No livro, o texto se apresenta com o subtítulo “O problema da liberdade na sua obra”.]

A liberdade está no centro dessa criação, no romance, na crônica, na dramaturgia. Como substância de uma vida. A busca da liberdade. Essa procura incessante de uma alma inquieta, parecida com a de Teresa de Ávila. O andar decidido, o gosto da conversa, a sintonia com o seu povo, o senso da liberdade, o contato com a terra, a simplicidade mais total. Seus dois primeiros romances são rurais. Os outros dois são urbanos. *O Galo de Ouro* é urbano, mas na periferia do bucolismo marítimo da Ilha do Governador. E *Dôra*, *Doralina*, por fim, é a síntese do rural e do urbano, nessa espécie de ânsia à procura da liberdade.

À Rachel de Queiroz*

NÉLIDA PIÑON

Rachel de Queiroz perpassa o século vinte brasileiro e atravessa o meu coração como uma seta. Ali se instalou por não haver outro lugar mais adequado para guardá-la.

Evoco-a com gosto, tanto para contar minha história, como para enaltecer-lhe a notável biografia. Ao reverenciar-lhe a memória, sinto-a próxima, como se visse ainda hoje a sua figura imponente, o rosto largo, o riso entre ingênuo e irônico, que me amparavam. Detalhes que, em conjunto, enriqueciam-lhe, ao mesmo tempo, a personalidade e a narrativa. Em especial quando a mirada brejeira, em alerta, estava prestes a esmiuçar um fato de que fora protagonista ou testemunhara.

* In: *Rachel de Queiroz: Uma Escrita no Tempo*: ensaios / organização de Fernanda Coutinho. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

Não faz falta mencionar o cotidiano repartido, as cenas relevantes, para dar provas de uma memória sempre cultivada. É difícil dissociá-la da minha vida, sobretudo porque a conheci em torno dos dezessete anos, após terminar a primeira versão do romance *Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo*, escrito em Teresópolis, durante as férias escolares.

Lembro-me da tarde em que o juiz Sebastião Perez, cearense como ela, e amigo da família, levou-me a sua presença. Este feito constituindo para mim uma aventura emocionante que excedia a qualquer expectativa. Em especial porque, ao bater à porta do seu apartamento, no bairro da Glória, dispunha de escassos recursos. Apenas uma juventude inexperiente e ainda a esperança de saber se ela, de verdade, já lera os originais do livro que lhe haviam sido previamente enviados, com o intuito de legitimar a minha vocação literária. Ansiava por testar sua reação diante de um romance que trazia em seu bojo nítidas marcas de imprudência e de destemor estético.

À Rachel de Queiroz, no entanto, tal acervo pareceu-lhe suficiente. Assim, logo me beijou e com comovente entonação tratou-me de “Flor”. Uma sucessão de gestos benfazejos com os quais me distinguiu para, em seguida, oferecer-me, de acordo com a hospitalidade nordesti-

na, sucos, chá, quitutes. Algum deles feito, quem sabe, por ela, sabidamente exímia cozinheira.

Após as amáveis preliminares, ela deu início à aula magna. Expunha sobre uma hipotética bandeja a lição que me reservara. Era uma interlocutora que dispensava símbolos, evasivas, tergiversações. Daí dizer-me que se pleiteava destino de escritora, abolisse o abuso verbal, as facilidades fátuas, as joias falsas, certo fervor estético que surge sem critério seletivo às primeiras manifestações criadoras, quando o autor se julga senhor do universo. Negligências estas que redundam em fracasso. Havia, pois, que expurgar da página as impurezas, aí incluindo as frases que já começáramos a amar.

Aquela mulher de caráter simpático, mas indomável, era fascinante. Eu não chegara a sua presença atraída tão somente pela glória literária, pelos livros que lera cedo, mas por uma intrepidez criadora que surpreendi em *O Quinze*, a narrativa que constituía um verdadeiro afresco da seca. Uma escritora que eu lia a cada semana na revista *O Cruzeiro*, quando participava das suas ideias, do seu entorno familiar na Ilha do Governador, onde vivia com Dr. Oyama, o marido médico. Ou da sua fazenda, no Quixadá, que intitulara de *Não Me Deixes*.

Ela e Tristão de Athayde eram os escritores da minha especial estima. O pensador católico que se tornara para mim uma emoção cotidianamente renovada nos encontros matinais da rua Dona Mariana, Botafogo, onde éramos vizinhos, quando ele se dirigia à igreja Santo Inácio para assistir à missa. Um hábito que eu, à espreita, registrava, na iminência de seguir para o colégio Santo Amaro, onde estudava.

Nesta tarde, Rachel de Queiroz não mediu esforços. Trazia-me a realidade que ela ia traduzindo segundo seus conceitos. Era mister não esquecer que a literatura cobrava, entre outras exigências, a adoção de um código estético singular. Enquanto falava em um tom sóbrio, que dispensava pieguice, esboçava um quadro capaz de esclarecer a vida do escritor brasileiro. Fazia-o com seriedade, buscando palavras que não me magoassem ou danificassem a vocação que via florescer. Após as advertências, louvou o talento literário da estreante, a imaginação incandescente, o sentido poético do verbo, a lavra original, a pletora de metáforas.

Ela me inspirava confiança. Não pretendia que eu contraísse com ela uma dívida a ser paga com a minha lisonja. Também não tinha pressa em me devolver à casa. Ao re-

ter-me na sala, ajudava-me a dar sentido ao futuro. Convinha que regressasse ao Leblon, onde vivia, definitivamente comprometida com a paixão literária.

Já em casa, abracei a mãe, testemunha dos meus feitos. Ela nada perguntou e respeitou o pranto que irrompeu de repente. Suspeitou da gravidade do encontro ocorrido na casa de Rachel de Queiroz, mas jamais suspeitou dos efeitos daquela abençoada visita na noviça, que dava os primeiros passos na literatura.

Tranquilei a mãe, enfileirei as razões expostas por Rachel, que me instavam a escrever, a dedicar-me à vocação inadiável. Uma consigna que, consolidada com os anos, permitiu que Rachel e eu, muito depois, convivêssemos de forma harmônica e generosa às quintas-feiras, na hora do chá e do plenário da Academia Brasileira de Letras. E, ainda, nas mútuas visitas e nas longas conversas telefônicas.

Só voltei a chorar por Rachel de Queiroz quando ela partiu para sempre. Uma despedida que significava perda e luto. Sem nos conformarmos com uma viagem que nos privava da sua presença luminosa e vivaz, o jeito peculiar de cobrar os segredos do mundo, de pedir que lhe concedêssemos as chaves do tesouro com o intuito de saber o

que havia dentro. Sempre curiosa por descobrir o mistério humano que sua pena de grande escritora registrava.

Este retrato é inconcluso. Faltam traços que acrescentarei com os anos vindouros. Enquanto isto, revivo a brasileira que, ao enveredar pelas entranhas da nação, dedicou-se a narrá-las.

